

PERFORMANCES DE GAYS PRETOS NO CINEMA BRASILEIRO E AS SUBJETIVIDADES EM AÇÃO

Cleidisson Araujo Santana¹

Resumo: O cinema tem produzido histórias com temas relacionados às identidades de gêneros e de sexualidades vistos por performances de personagens e direcionados a como os corpos e as subjetividades ganham existências reais, apontando preconceitos e paradigmas, afetos e resistências quando tratam de modo diferencial as relações LGBTQIA+. A proposta do estudo é investigar como os filmes performam o protagonismo negro em pessoas do mesmo gênero com imagens que as colocam a retornarem ao “armário”, analisando hiperssexualização e rejeição destes corpos. Assim, o problema que busco refletir diz sobre a vivência sexual entre gays negros e como as manifestações queer podem ser compreendidas ao visar romper com os paradigmas sociais e que se repetem no movimento dos afetos raciais homoeróticos. Para a abordagem analítica, duas produções cinematográficas serão consideradas e, no processo de desenvolvimento da pesquisa, as leituras terão como base a desconstrução do discurso que abordam a disciplinaridade de corpos, a repressão ao sujeito de desejo, a vulnerabilidade e a materializado sexo-gênero representadas no espaço das reproduções fílmicas. Apostamos na contribuição do estudo frente ao impacto da temática visto o grau de conhecimentos raciais quando interligados aos gêneros e às sexualidades. Ainda se faz presente o silenciamento gerado pelas vivências de homossexuais negros e toda uma abjeção registrada aos desejos, afetos, sentimentos aos não-brancos. A interpelação da linguagem do cinema será colhida para

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da Universidade do Estado da Bahia (Dlartes — Campus II|UNEB) — Linha de Pesquisa 2: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, com orientação do Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia. Endereço eletrônico: cleidisson@outlook.com.

ressignificar posturas mais críticas no universo de negros exporem a si e de retratar tramas e enredos que revelem diferentes raças, idades, modos de vida, corpos e subjetividades.

Palavras-Chave: Cinema. Corpos e subjetividades gays pretos. Queer. Crítica cultural.

INTRODUÇÃO

A sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e identidades ilimitadas) é resultado de várias transformações ao longo do tempo, com amadurecimento da discussão e organização política, a sigla foi aumentando para incorporar todas as identidades possíveis, assim as identidades são mutáveis (BARROS, 2020). Estas identidades continuam a todo tempo em constante discussão, assim a sigla aumenta no decorrer do tempo, visando o conhecimento sobre os variados corpos existentes.

Uma das formas de trazer o recorte real sobre estes corpos é o cinema, que tem produzido histórias com temas relacionados às identidades de gêneros e de sexualidades vistos por performances de personagens e direcionados a como os corpos e as subjetividades ganham existências reais, apontando preconceitos e paradigmas, afetos e resistências quando tratam de modo diferencial as relações LGBTQIA+ e as diversidades dentro da própria comunidade.

Assim o homem gay preto é abordado aqui neste trabalho para fazer uma desconstrução do que se tem como padrão. Desconstrução em que Derrida afirma que desconstruir é a possibilidade de investigar “o que é”, questionando os limites desta pergunta, não apresentando respostas prontas, mas indagando (RODRIGUES, 2017).

Desta forma para haver uma desconstrução, questiona-se como a vivência sexual entre gays negros e como as manifestações queer podem ser compreendidas ao visar romper com os paradigmas sociais e que se repetem no movimento dos afetos raciais homoeróticos.

No intuito de trabalhar a problemática, o objetivo do estudo é investigar como os filmes performam o protagonismo negro em pessoas do mesmo gênero com imagens que as colocam a retornarem ao “armário”, analisando hiperssexualização e rejeição destes corpos

O GAY PRETO

Tratados como loucos, pervertidos, doentes e pecadores, os grupos homossexuais do Brasil começavam a luta contra a violência no início da década de 1980, cabe destacar aqui que a AIDS foi uma doença conhecida como a peste gay, em que este grupo populacional, se organizou para divulgação do sexo seguro e combater a ideia preconceituosa estabelecida (BARROS, 2020).

A despatologização da homossexualidade inicia apenas em 1973, com acontecimento em 1984, considerado grande avanço para perspectiva moral da comunidade LGBTQIA+, desde então a luta pela garantia de direitos vem se moldando para combater a homofobia, Com crescentes discussões, foram elaborados importantes projetos governamentais para atender as questões de demanda da população LGBTQIA+, como a Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIA+ (Ministério da Saúde, 2010) e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBTQIA+ (Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2009) gerando evolução para a possibilidade de existir sobrevivência (SAMPAIO; GERMANO, 2014).

Jesus (2013) em seu trabalho, conceituou identidade gênero fazendo-se utilizar de alguns autores, constatou-se que identidade vai além do sexo biológico e suas expressões, perpassando pela sexualidade, assim o gênero (além do sexo biológico) é ideal para concepção das identidades. Pensar em gênero, aplicado ao feminismo é importante para romper com o padrão do que é ser homem ou mulher e desconstruir com as oposições binárias, assim gênero são atitudes individuais e subjetividades construídas.

Embora gênero seja construído, o senso comum fantasia a imagem do homem negro como o bruto, aquele que não existe diante do afeto, objetificado como apenas um corpo para suprir desejos sexuais e trabalhos braçais.

Estudar masculinidades negras a partir da multiposicionalidade é perguntar como devemos discuti-la a partir de um olhar relacional, e não posicional e hierárquico fixo. Isso nos levar a fazer dois conjuntos de perguntas: 1) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2) Dividendos patriarcais são recebidos 'do mesmo modo' por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades? Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas (CONRADO; PEREIRA, 2017, p. 82).

O homem preto vem lutando por seu espaço, manifestando e pautando suas ações em seu trabalho e capacidade, ainda assim não existe valorização. Para Sueli Carneiro (1995) o homem negro vem experimentando uma ascensão mascarada, apesar de seus talentos e capacidades, este fato só aconteceria com a permissão do homem branco e o primeiro seria subalterno as imposições deste.

Qualquer homem negro no Brasil por mais famoso que seja ou por maior mobilidade social que tenha experimentado

não tem poder real Não e dono dos bancos não tem controle das grandes empresas não tem representação política ou reconhecida importância intelectual e acadêmica Esses são os elementos concretos que investem de poder pessoas ou segmentos em nossa sociedade Qualquer poder que o homem negro exerça ele o faz por delegação do branco de plantão que pode destitui lo a qualquer tempo por isso e consentida a mobilidade individual de alguns negros ao mesmo tempo que e controlada e reprimida a mobilidade coletiva posto que o negro em processo de ascensão individual esta fragilizado e sob o controle do poder do branco e uma das garantias exigidas pelo poder branco a este negro (para que ele não caia) e a sua lealdade Portanto o homem branco permite que alguns negros participem do poder preferencialmente naqueles lugares que não têm importância para os brancos (CARNEIRO, 1995, p. 548).

Este pensamento de Sueli Carneiro corrobora com os estudos de Bel Hooks (2015), que traz que homem preto é vítima da sociedade branca e capitalista, são considerados como sujeitos distantes da capacidade intelectual e sempre que o negro pensasse demais era visto como ameaça, assim são ensinados que “pensar” não é algo valioso e não garante sobrevivência.

Visto as mazelas e lutas enfrentadas no universo gay e na construção do homem preto, percebe-se que o homossexual negro é um habitante de dois mundos distintos, que são ao mesmo tempo, dois tabus, duplamente discriminado, por ser gay e por ser negro, além disso experimenta também uma negação no mundo homossexual que tem por ideal o gay branco com o corpo padrão determinado pela sociedade, salientando que tudo que foge do padrão, há risco de violência e anulação de existência dos sujeitos (LIMA; DE ALMEIDA CERQUEIRA, 2007).

Esta violência relatada pode ser comprovada com números, de acordo com o Relatório Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil, produzido pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no ano de 2020 foram

relatadas 237 mortes, com 224 homicídios e 13 suicídios, aqui alerta-se para subnotificações e a pandemia do coronavírus que intensificou o isolamento social, nestes dados não foram subdivididos por raça ou classe social e traz a urgência para compreensão dos números de violência, afirmando a importância de indagar sobre as formas de existência da população LGBTQIA+, trazer estas discussões e abrir formas de empoderar a comunidade em diversos segmentos, significando viver, sobreviver e enfrentar os desafios de quebrar as fronteiras do desconhecido.

A PERFORMANCE NO CINEMA NACIONAL

Falar sobre o gay preto no cinema é também uma forma de romper com o etnocentrismo, se aproximando do discurso de igualdade. Partindo do pressuposto que existe um ser diferente é comum se aproximar daquilo que nos afasta de nós mesmos, tentando alcançar a aceitação da massa “[...] é na própria medida em que pretendemos estabelecer uma discriminação entre as culturas e os costumes, que nos identificamos mais completamente com aqueles que tentamos negar” (LEVI-SATRAUSS, 2008, p. 12).

Na tentativa de romper com o que afasta, é importante que haja identificação com corpos que sejam semelhantes aos nossos, combatendo o silenciamento.

Sócrates é um filme nacional que relata a história de um jovem menor de idade, gay, negro e periférico, ao perder a mãe, se vê sozinho no mundo, tentando sobreviver as mazelas impostas e viver sua sexualidade sendo aflorada. O longa-metragem tem um retrato realístico do homossexual preto no Brasil que é duplamente marginalizado, já nasce descriminalizado por ser não-branco e ao decorrer da vida, suas chances de sobrevivência diminuem bruscamente por também ser gay, deixando vários

questionamentos sobre como existir em um mundo, onde não há oportunidades de se existir.

O longa-metragem *Madame satã* é uma ficção baseado em fatos reais que aborda a história de um homossexual preto no século XX, que tinha uma vida de crimes e sonhava em ser artista, a história percorre a jornada da figura emblemática entre o cárcere e ascensão a um artista transformista. Aqui temos uma história de orgulho e perseverança, um homem em pleno século XX que se envaidecia pelos palcos e tinha honra de ser chamado de bicha, apesar dos crimes, grande figura de empoderamento.

O recorte destes filmes que incitam a problemática é a respeito de como estes corpos vem sendo representados no cinema, já que a literatura traz o quanto este homem gay é marginalizado na sociedade colonizada e patriarcal, como estes sujeitos podem fugir do padrão e protagonizar suas próprias histórias, para empoderar e ser referência pro menino preto e gay que está na frente das telas.

Os filmes cumprem com a proposta no sentido de fugir do óbvio, performando de forma nua e crua as vivências e as formas de sobreviver que o homossexual negro enfrenta em um mundo preparado pra dizer “não” e dificultar qualquer tipo de ascensão. Em um filme temos um menino, sozinho, rejeitado pelo pai e pelo par romântico enfrenta a necessidade de estar vivo, no outro vimos um homem enfrentando a necessidade de poder ser quem ele quer ser, ambos vistos como ameaças, ambos estando em espaços nas telas de cinema que performam protagonismo.

Os dois filmes demonstram o protagonismo desse homem gay, que apesar da rejeição de uma sociedade, sai daquelas histórias de vítima ou vilão, para alcançar a ascensão de suas próprias histórias, este fato corrobora para o pensamento de Delleuze, que tinha uma visão positiva sobre os objetos e elemento, traz a ideia de multiplicidade, do novo e do desconhecido.

As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para “voltar” no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 5).

Esta ideia positiva de multiplicidade é abordada de forma intrínseca pelos autores que falam sobre gênero, a exemplo de Butler que aponta nos seus estudos que gênero não é essencialmente o que vemos como biológico, mas que ele pode ser moldado através dos comportamentos e rituais que temos ao longo da vida, este pressuposto rompe com o padrão de masculinidade que a sociedade impõe, onde um homem preto nunca poderá ser aceito como gay, que é uma imagem que carrega signos do feminino, “O gênero é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (BUTLER, 2010, p. 48).

O estudo de Butler corrobora com o pensamento de Preciado, em uma entrevista para Jesús Carrillo, Paul Beatriz Preciado que é um homem trans, importante autor acerca de gênero, destaca que “Os movimentos queer representam o transbordamento da própria identidade homossexual por suas margens: viados, maricas, boiolas, transgêneros, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras e chicanas, e um interminável etc” (CARRILLO, 2010). Tudo que fugia da heteronormatividade padrão da sociedade, entrava em uma zona de marginalidade e eram pejorativamente chamados de Queer, atributo esse que foi utilizado como importante movimento de empoderamento.

Ser pejorativamente chamado de “bicha”, “viado” ou até mesmo “queer” é uma indignação da heteronormatividade em ver um homem abdicando de qualquer característica da

masculinidade, como que para ser gay é deixar de ser um grande sujeito superior, para ir ao encontro de comportamentos femininos que seria inferior, fato inaceitável para sociedade falocêntrica. Ser gay é um ato político que enfrenta o homem machista e confronta a existência dos mesmos.

Quanto aos gays, o conceito também mais veiculado diz respeito à genitalidade. [...] A identidade gay abriu espaço para a sugestão do aparecimento de um terceiro sexo e gênero; em contrapartida, também, já foi questionado até que ponto não se tratava de mera imitação da ausência, no caso, da ausência feminina. Qualquer que seja o conceito ou a definição a ser utilizada, [...] os gays ajudaram na desconstrução da imagem do homem machista e dito “heterossexual”, assim como na construção de uma nova imagem de masculinidade (BERUTTI, 2010, p. 64-65).

Ainda existem poucas ferramentas para combater masculinas tóxicas e trazer a tona e as subjetividades de corpos que são brutalmente esquecidos propositalmente, porém muito se avançou com os contributos dos pensadores que rompem com a bolha do desconhecido, Ferreira e colaboradores (2017) ao abordar em sua pesquisa a discussão da epistemologia foucaultiana traz a importância em se falar sobre a sexualidade humana para assim esclarecer suas formas de repressão, quebrando os padrões, para garantir questionamentos deste assunto.

CONCLUSÃO

O projeto inicial aprovado foi sendo aprofundado e as discussões trouxeram para um assunto diferente, com amadurecimento e leituras de autores sobre gênero e as vivências nas práticas do laboratório de cinema e comunicação, a problemática foi sendo aprofundada e a pesquisa atual nasce do incomodo de falar sobre o gay marginalizado no cinema nacional.

O homem negro é constantemente associado as fantasias que a sociedade colonizada apresenta, como um sujeito violento em que se apresenta como aquele que fornece o trabalho brutal e é hipersexualizado, desta forma seria assim inaceitável este homem negro ser gay, já que o mesmo está ligado ao feminino, que está próximo ao que é visto como elo fraco.

O homossexual preto ele já nasce na condição de discriminação por ser não-branco e é duplamente marginalizado por uma sociedade racista e homofóbica, fazendo importante discutir acerca dos signos que estes sujeitos representam. Uma forma relevante e de importante contributo para fomentar a discussão seria o protagonismo que os mesmos apresentam no cinema nacional.

Percebe-se que o gay preto é pouco representado no cinema, mas já temos grandes avanços neste quesito, as obras escolhidas trazem diferentes performances para quebrar a bolha, aqueles que vivem em papéis de subalternos, ganham histórias de protagonistas, de pessoas reais. Falar sobre o assunto não é apenas trazer contribuição para garantir sobrevivências destes pares, mas é falar sobre vivências, sobre como estas vidas acontecem no mundo real, de como eles performam das telas dos cinemas para os palcos da vida real.

Ainda há muito que se pesquisar e discutir, Preciado, Foucault, Butler e Deleuze são importantes pensadores que quebram o padrão imposto, em busca da multiplicidade de corpos que resistem. A partir das leituras e estudos, a ideia é dar continuidade com a discussão deste gay marginalizado, com pretensão de em um próximo momento aprofundar sobre gays velhos no cinema nacional.

REFERÊNCIAS

- BERUTTI, Elaine. *Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.
- CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado. *Revista poiésis*, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.
- CONRADO, RIBEIRO, Mônica, Alan. Homem Negro, Negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. In: *Estudos Feministas*. n. 25, 73-97, 2017.
- DA SILVA, Matheus Fortunato; DA SILVA JUNIOR, Jonas Alves. Eu cresci assim! Afeminado, preto e viado masculinidades, raça e sexualidades na UFRRJ/Instituto Multidisciplinar-RJ.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1, p. 11-37, 1995
- DE ANGELO SEORSI, Rosalia. Cinema na literatura. *Pro-posições*, v. 16, n. 2, p. 37-54, 2005.
- DE BARROS, Andréa Kelmer. *Movimento LGBT e violências contínuas: cenário nos anos de 2019 e 2020 no Brasil*.
- DE OLIVEIRA FERREIRA, Breno *et al.* Caminhos e vivências de investigação acerca da saúde da população LGBT em uma capital do nordeste brasileiro. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v. 11, n. 1, p. 41-49, 2017.
- JOZEF, Bella. Cinema e literatura- algumas reflexões. *Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, n. 17, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. 2008.
- LIMA, Ari; DE ALMEIDA CERQUEIRA, Filipe. Identidade homossexual e negra em alagoinhas. *Bagoas-estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 1, n. 1, 2007.
- HOOKS, Bell. Escolarizando homens negros. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 3, p. 677-689, 2015.
- PELÚCIO, Larissa. *Desfazendo o gênero. Diferenças na Educação: outros aprendizados*. São Carlos, SP: EdUSCAR, 2014.
- RODRIGUES, Carla. Jacques Derrida: pensar a desconstrução. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 8, n. 9, p. 330-335, 2017.

